

ACABOU A RECESSÃO?

Por Mário Soares

Há, obviamente, sinais positivos que vão nesse sentido. Mas, atenção. Não é seguro que estejamos a sair da recessão, quer na América quer na União Europeia e, como é natural, em Portugal, embora a nossa situação – de momento – seja bem melhor (ou menos má) do que a da nossa vizinha Espanha. Quanto aos países emergentes, mesmo a China, e o resto do mundo, o mais prudente é esperar para ver o que acontece...

No entanto, o que me preocupa é que no nosso âmbito ocidental, empresários, banqueiros e políticos – com honrosas excepções, claro – fecharam os olhos às causas da crise global em que temos vivido, há cerca de dois anos, para, em consequência, se recusarem a aceitar a necessidade imprescindível de uma mudança de paradigma (ou de modelo económico e social). Em suma, para que tudo fique na mesma. Uma pedra sobre a crise. Como se isso fosse possível...

Ora, não é. Infelizmente, é o que está a acontecer. Banqueiros (que recomeçaram a ter lucros fabulosos e, em muitos casos, especulativos), empresários, gestores e até políticos julgam que o capitalismo de casino está de volta e impunes os seus responsáveis (excepto, claro, os “bodes expiatórios” raros, que estão presos), que os paraísos fiscais, devem continuar a florescer, com as grandes negociatas especulativas a que se habituaram e que os prémios multimilionários, dados aos administradores e gestores e a alguns políticos úteis, no caminho, aumentam, continuando impunes e intocáveis, porque – dizem a recessão acabou.

Enganam-se. O desemprego continua a subir, muitas empresas, pequenas e médias, a falir, que são o motor da economia real, o dólar (que continua a ser a moeda internacional) a descer, perigosamente, em relação ao euro e a outras moedas, o que constitui um enorme risco. George Soros, num texto recente, avisou que “a situação dos mercados de divisas está carregada de perigos” e persiste em defender uma rápida “regulação desses mercados”. Como?

É certo que o G20 disse sim à regulamentação da globalização, a uma nova ética de valores e à necessidade de mais justiça social e de maior fiscalização do FMI e do Banco Mundial, sobre os bancos centrais e os mercados financeiros. Mas até agora isso não passou de uma boa intenção e de meras palavras, sem concretização. A impunidade dos especuladores sem escrúpulos continua. Como se nada tivesse acontecido. E, por isso, alguns pensam que o melhor é que se esqueça o mau tempo de crise e, adiante, tudo fique na mesma.

Se assim acontecer, iremos assistir a crise sobre crise, a caminho do abismo e de uma decadência do Ocidente e das nossas instituições democráticas, irreversível. Atenção, pois, aos avisos que reaparecem de politólogos e economistas de vários horizontes: não só de Soros, mas também de Krugman, de Stiglitz e de Cohen, para citar apenas alguns prémios Nobel que, no passado, nos advertiram a tempo e não foram ouvidos. Quem se nega a fazer reformas deve esperar revoluções, porventura violentas... É o que a história nos ensina, para os que a sabem entender.

Os inimigos de Obama. É curioso como a atribuição do prémio Nobel da Paz, a Obama, serviu aos ultra-conservadores americanos – quase todos do Partido Republicano – para tentar destruir o prestígio do Presidente. Para os americanos brancos e racistas o facto do prémio Nobel da paz ter sido atribuído a um afro-americano (que agora inventaram não ter nascido na América, como se isso tivesse alguma importância) é considerado como uma afronta.

Além disso, dizem que Obama não fez ainda nada para merecer o prémio Nobel. É preciso ter os olhos e os ouvidos fechados à realidade e às transformações que as suas posições geo-estratégicas causaram e estão a causar no Mundo inteiro (China, Rússia, Índia, América Latina, Islão, África, Nações Unidas e, no essencial, por toda a parte por onde passou e discursou) e a esperança de paz global que despertou, para poder afirmar uma tal enormidade. Chamam-lhe pejorativamente socialista, o que para certos americanos retrógrados é uma grande injúria, amigo – e ídolo – dos europeus, o que para os mesmos é, igualmente, muito suspeito...

É claro que Obama não é socialista, na acepção que é dada à palavra na Europa, pelos socialistas, pela social-democracia e pelos trabalhistas, que pertencem todos à mesma família ideológica (quando não degeneram e se deixaram ou deixam ainda “colonizar” pelo neo-liberalismo).

Obama é, fundamentalmente, um humanista e um pacifista, na linha do melhor pioneirismo americano, de Lincoln e Jefferson a Wilson, de Franklin Roosevelt, a Kennedy, Carter (também ele laureado com o prémio Nobel) e a Clinton. É alguém que quer a paz, o desarmamento (sem excluir o nuclear) e a justiça social no seu País (vide a legislação progressista que está em marcha sobre o serviço de saúde tendencialmente gratuito), a lutar contra a pobreza e a procurar reduzir as gritantes desigualdades entre pessoas independentemente do sexo, da cor, da etnia ou da condição social. Acredita num mundo melhor – e mais justo – e luta por ele, com coragem e persistência.

É isto um crime? Só para um louco fanático ou um egoísta extremo, que se importa apenas com o seu bem-estar e o da família mais próxima. Num mundo em que os desafios são globais e o Planeta está sujeito a graves ameaças que, se não forem removidas, põem em causa a sobrevivência da Humanidade, só, realmente, um inconsciente, fanático ou um insensato total pode criticar e tentar denegrir, aos olhos dos seus concidadãos, um dirigente, legitimamente eleito, como Barack Obama, que preconiza uma cultura de paz – e não de guerra – e de solidariedade entre Estados e pessoas, para poder fazer face, com sucesso, aos desafios globais que o novo Milénio põe à Humanidade, no seu conjunto.

É evidente que uma política tão radicalmente diferente – e incomparavelmente melhor, pensando na anterior – como a preconizada pelo Presidente Obama, choca com grandes interesses, alguns sórdidos e todos poderosíssimos, e com os preconceitos nacionalistas arreigados dos americanos que, ao longo dos anos, se consideraram “os donos do Mundo”, aos quais tudo parecia permitido. Mas não era e cada vez é menos. O mundo está em rápida mudança, quer se goste ou não. Os desafios que nos espreitam, neste início de século, são tremendos e terríveis. O mundo deixou de ser uma quinta em ponto grande do Ocidente. Hoje, é multilateral. Os países emergentes têm um palavra poderosa a dizer e ignorá-los – como aos países mais pobres e atrasados – é deixar as coisas como estão e cavar a nossa própria sepultura de ocidentais, contribuindo para agravar os conflitos mais difíceis de resolver e para criar, em cadeia, outros novos... É isso que querem? Já pensaram para onde nos arrastam?

Obama, com clarividência e lucidez extremas, está corajosamente a trabalhar por um mundo melhor. Ou o ajudamos – e o compreendemos nas tremendas dificuldades que enfrenta – ou não sairemos mais do atoleiro, para onde Bush e os seus apaniguados, talvez inconscientemente, concedo, lançaram o mundo, à beira do abismo...

O Afeganistão vai de mal a pior. Estava escrito que a invasão do Afeganistão foi um erro fatal, avalizado pelas Nações Unidas e no qual, com absoluta inconsciência, se lançou a NATO, associação defensiva, fora da sua área de acção, criada em 1949 para conter o comunismo, em defesa do chamado “mundo livre”. Contudo – imagine-se! – um dos países fundadores foi o Portugal de Salazar. Uma velha, retrógrada e cruenta ditadura. Eis para onde o medo pode conduzir certos políticos respeitáveis, mas pouco corajosos.

Com o fim da guerra-fria e o colapso do universo comunista, a NATO perdeu a sua razão de ser. Deveria ter-se dissolvido, por falta de objecto. Mas não. Continuou para vagamente fazer estudos político-militares. Até que George W. Bush, aconselhado pelos seus militares, se lançou na invasão militar do Afeganistão e foi buscar a NATO para tentar legitimar, de algum modo, essa guerra. Um precedente perigosíssimo como então escrevi.

Desde então a situação agravou-se, com muitos mortos ocidentais e também bastante mais afegãos. O descontentamento agravou-se. As eleições foram uma farsa inútil. A tradição do Afeganistão é sofrer as invasões, resistir e avançar com a guerrilha. Os invasores acabaram sempre expulsos: britânicos, soviéticos e americanos e os seus aliados.

Obama não estava bem informado quando fez uma distinção tão profunda entre o Iraque e o Afeganistão. Enganou-se e deve, quanto antes, mudar de rumo. Os protestos dos soldados ocidentais, que estão a morrer como tordos, como se diz, começam a fazer-se ouvir. Há que encontrar uma solução negociada, inteligente, que deixe os afegãos entregues a si próprios, até para melhor combater a Al Qaeda e os terroristas islâmicos, antes que se confundam e se tornem a mesma coisa.

Lisboa, 20 de Outubro de 2009